

A pedra entre Camus e o Brasil

La pierre entre Camus et le Brésil

Lucas Mendes Rodrigues*

Ao Pé da Letra, Recife, v. 27, n. especial, 45-57, 2025. Universidade Federal de Pernambuco.
ISSN 1984-7408. DOI: <https://doi.org/10.51359/1984-7408.2025.266166>

Resumo: Este artigo analisa a experiência subjetiva da viagem do filósofo do absurdo, Albert Camus, realizada em 1949 e publicada em 1978 no livro póstumo *Diário de Viagem*, bem como o papel desta experiência na criação do seu último conto publicado em vida, “A pedra que cresce”, dentro da coletânea *O exílio e o reino* (1957). A construção da história do engenheiro d’Arrast conta com várias referências descritas no diário de Camus, que conheceu grandes personalidades da cultura brasileira e viajou com Oswald de Andrade para Iguape, cenário do conto. Por fim, o produto desta relação entre ficção e não-ficção demonstra a busca de Camus em compreender a realidade do povo brasileiro, principalmente os humildes, que vivem em meio à solidariedade e ao consolo das religiões para suportar a sua própria condição.

Palavras-chave: Albert Camus; “A pedra que cresce”; *O exílio e o reino*; *Diário de viagem*; Brasil; filosofia; literatura francesa.

Résumé : Cet article analyse l’expérience subjective du voyage effectué par le philosophe de l’absurde Albert Camus en 1949 et publié en 1978 dans son livre posthume *Journaux de voyage*, ainsi que le rôle de cette expérience dans la création de sa dernière nouvelle publiée de son vivant, « La Pierre qui pousse », dans le recueil *L’exil et le royaume* (1957). La construction de l’histoire de l’ingénieur d’Arrast s’appuie sur diverses références décrites dans le journal de Camus, qui a rencontré de grandes personnalités de la culture brésilienne et a voyagé avec Oswald de Andrade à Iguape, le cadre de l’histoire. Enfin, le produit de cette relation entre fiction et non-fiction démontre la quête de Camus pour comprendre la réalité du peuple brésilien, en particulier les humbles, qui vivent dans la solidarité et trouvent dans les religions un réconfort leur permettant de supporter leur propre condition.

Mots-clés : Albert Camus ; « La pierre qui pousse » ; *L’exil et le Royaume* ; *Journaux de voyage* ; Brésil ; philosophie ; littérature française.

* Graduando em Letras – português e francês pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, Brasil. E-mail: lucas.mds.rodrigues@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-8979-5914>. Este trabalho foi desenvolvido sob a supervisão do Prof. Dr. Alexandre Bebiano de Almeida (USP).

1. Camus, o estrangeiro no Brasil

Em 15 de julho de 1949, o escritor e filósofo do absurdo Albert Camus (1913-1960) chegou ao Brasil, após ficar duas semanas a bordo do navio Campana, que fizera o trajeto de Marselha até o Rio de Janeiro. Quem articulou tal intercâmbio cultural foram os Serviços Culturais Franceses, com o objetivo de estreitar os laços entre a França e alguns países da América do Sul. Além do Brasil, Albert Camus fez conferências no Chile, no Uruguai e na Argentina, onde expôs suas ideias contra as revoluções sangrentas e regimes totalitários, ideias que foram publicadas no livro de ensaios filosóficos *O homem revoltado* (1951). Tal experiência no Brasil permitiu a Albert Camus criar a sua única história que não se passa na Europa nem na Argélia. A viagem ao nosso país permitiu que o escritor pudesse usar a criatividade e ao mesmo tempo descrever o que ele mesmo viu, gerando uma visão mais subjetiva da narrativa. Assim, Camus faz uma conquista que muitos escritores franceses não conseguiram fazer: falar do Brasil a partir de suas próprias experiências.

Já durante a viagem marítima, Camus sofria de uma gripe que afetaria seu comportamento durante toda a estadia na América do Sul. Ele passou a tratar a tuberculose em um período em Cabris, no departamento francês dos Alpes Marítimos, no começo do ano seguinte, como ele mesmo conta em carta, datada de 13 de fevereiro de 1950, ao seu amigo e professor dos tempos de escola, Louis Germain:

Agradeço muito a sua carta e sua remessa. Esta ainda não recebi porque eu estou longe de Paris, doente e passando por um tratamento que se prolongará por várias semanas ainda. Quando voltei de uma turnê de conferências pela América do Sul, viagem que se revelou muito cansativa, após um ano de trabalho pesado, encontraram uma imagem muito ruim no meu pulmão direito. Isso me valeu um tratamento de dois meses com estreptomicina e uma permanência aqui que deve se prolongar até abril (Camus; Germain, 2024, p. 22).

Também no Campana, em razão da doença e das companhias desconfortáveis, Camus optou por ficar em isolamento, assim evitando interações humanas, conforme relata no seu diário no dia 13 de julho:

Chegamos daqui a dois dias. De repente, a ideia de deixar este navio, este camarote estreito em que durante longos dias pôde abrigar um coração desligado de tudo, este mar que tanto me ajudou, me assusta um pouco. Recomeçar a viver, a falar. Seres, rostos, um papel a desempenhar, seria preciso mais coragem do que sinto em mim. Por sorte, estou em plena forma física. No entanto, há momentos em que gostaria de evitar a face humana (Camus, 2017, p. 59).

Porém, o filósofo tenta ser mais cortês com o povo brasileiro, conforme descrito no dia 14 de julho: “Deito-me tarde, cansado, e convencendo-me a abordar este país com um espírito mais descontraído” (Camus, 2017, p. 60). Apesar de se sentir desconfortável com a bajulação da alta sociedade, Camus cria amizades com escritores brasileiros, o que torna sua odisseia mais agradável.

Quando de sua despedida, ao ser entrevistado, Albert Camus declara seu descontentamento por não ter observado tanto as pessoas comuns do Brasil, tendo pouco contato com as rodas de macumba e com a procissão da Festa do Bom Jesus, em Iguape, ambas apresentadas por Oswald de Andrade. Em seu artigo “Dos desencontros ao encontro: a viagem de Albert Camus ao Brasil em 1949”, Samara Geske (2020, p. 42-43) descreve as respostas que Camus deu aos jornalistas, logo quando chegou e quando estava para retornar à França. Nestas respostas, Camus afirma como ele queria conhecer o povo brasileiro com mais intimidade, e que pensaria em voltar ao país-continente sem as obrigações das conferências para poder investigar melhor o nosso modo de vida. É justamente essa a questão que aparece no conto “A pedra que cresce”: o protagonista, um engenheiro francês, abandona a alta sociedade de Iguape para se juntar à população comum da cidade, desafiando a relação colonial.

2. Entre amigos

Apesar de se sentir incomodado com as forçadas atividades sociais e as bajulações das elites brasileiras, Albert Camus conseguiu construir amizades com algumas personalidades. O jornalista que recepcionou o “absurdist” foi João Batista Barreto Leite Filho, conhecido como Barreto Leite e nomeado no *Diário de Viagem* por Camus como “Barleto”, ou simplesmente como “B.”. Este jornalista acompanhou o ilustre estrangeiro pelo Rio de Janeiro, seja durante as obrigações diplomáticas, seja para passeios. Foi com Barreto que Camus conheceu o bairro operário de Santa Teresa, pegando bonde e lotação. Outros eventos que testemunharam foram rituais de religiões afro-brasileiras, descritos pelo franco-argelino de modo etnográfico tanto no *Diário de viagem* quanto no conto dentro de “O exílio e o reino”. Uma entrada de diário do dia 16 de julho, escrita sob a seção “Pai de santo”, serviu como base para a composição do conto:

Os dançarinos e as dançarinas dispõem-se em dois círculos concêntricos, os homens no interior. Os dois pais de santo (o que nos recebe está vestido, como os dançarinos, com uma espécie de pijama branco) ficam de frente um para o outro no centro dos círculos. Ora um, ora outro canta as primeiras notas de uma canção que imediatamente, todos em coro, com os círculos girando no sentido dos ponteiros do relógio. A dança é simples: um bater de pés a que se acrescenta a dupla ondulação da rumba. Os ‘pais’, estes apenas indicam o ritmo (Camus, 2017, p. 74).

No conto propriamente, a entrada inspirou a seguinte passagem:

Os dançarinos e dançarinas se separaram em dois círculos concêntricos, os homens no interior. No centro, veio postar-se o chefe negro de capa vermelha. D’Arrast se encostou na parede e cruzou os braços (Camus, 2021, p. 158).

Em ambos os textos está presente o pedido para descruzar os braços durante o ritual, ocorrência que evidencia o desconhecimento e o desencontro de um estrangeiro naquele evento:

Em dado momento, um dos dançarinos adianta-se e fala comigo. Meu intérprete diz que me pedem para descruzar os braços, já que essa atitude impede o espírito de baixar entre nós. Dócil, fico de braços caídos (Camus, 2017, p. 75);

D'Arrast se encostou na parede e cruzou os braços.

Mas o chefe, furando o círculo de dançarinos, veio na direção deles e, com um ar sério, disse algumas palavras ao cozinheiro.

– Descruze os braços, Capitão – disse o cozinheiro. – Você está contraído, não deixa o espírito do santo baixar.

D'Arrast deixou cair docilmente os braços. Com as costas sempre coladas à parede, os membros longos e pesados, o grande rosto já reluzente de suor, ele próprio tinha o ar de um deus bestial e tranquilizador. O grande negro olhou-o e em seguida, satisfeito, voltou ao seu lugar (Camus, 2021, p. 158-159);

Já a amizade entre Albert Camus e Murilo Mendes começa a partir de um mal que acometeu ambos: a tuberculose. A simpatia entre Camus e Murilo Mendes também durou anos, tendo os dois se encontrado na França em 1954, quando o poeta realizou uma conferência na Sorbonne (Geske, 2020, p. 41). A propósito, foi num jantar na casa de Murilo Mendes que Manuel Bandeira conseguiu conhecer o autor de *O mito de Sísifo* (Geske, 2020, p. 41).

Sobre Dorival Caymmi, numa entrada de diário datada de 19 de julho, Camus confessa a admiração com o seu samba e descreve como todos no jantar apreciavam as músicas:

Depois do jantar, Kaïmi [Kaymmi], um negro que compõe e escreve todos os sambas que o país canta, vem cantar com o seu violão. São as canções mais tristes e mais comoventes. O mar e o amor, a saudade da Bahia. Pouco a pouco, todos cantavam, e veem-se um negro, um deputado, um professor de faculdade e um tabelião cantarem esses sambas em coro, com uma graça muito natural. [Estou] totalmente seduzido (Camus, 2017, p. 81).

Em São Paulo, Albert Camus encontra Oswald de Andrade, cujas ideias antropofágicas passa a conhecer. Eles mantêm a amizade quando o filósofo volta à França, tanto que Camus envia seus livros a Oswald e cita a antropofagia em seus autógrafos (Geske, 2020, p. 40):

Em seguida, [Oswald de] Andrade me expõe sua teoria: a antropofagia como visão de mundo. Diante do fracasso de Descartes e da ciência, retorno à fecundação primitiva: o matriarcado e a antropofagia. O primeiro bispo que desembarca na Bahia tendo sido comido por lá, Andrade datava sua revista como do ano 317 da deglutição do bispo Sardinha (pois o bispo chamava-se Sardinha) (Camus, 2017, p. 99).

Camus também compartilhou bons momentos com o modernista, como na sua viagem a Iguape, no litoral paulista. Oswald queria apresentar ao filósofo a procissão da Festa do Bom Jesus, na qual o povo vai até uma gruta extrair pedaços de uma pedra, que

cresce sempre, e levá-los até a igreja para pagarem suas promessas. Tal evento marcou profundamente Camus, que além de descrever a procissão no seu conto, também deu o título de “A pedra que cresce”:

Mestiços, mulatos e os primeiros gaúchos que vejo, diante da entrada de uma gruta, esperam pacientemente conseguir pedaços da Pedra que cresce. Iguape, na verdade, é a cidade do Bom Jesus, cuja imagem foi encontrada sobre as ondas pelos pescadores que a levaram nesta gruta. Desde então, cresce ali incansavelmente uma pedra, que é cortada em lascas, muito benéfica (Camus, 2017, p. 105-106).

3. O exílio e o reino

Durante a sua, relativamente, curta vida, Albert Camus esteve ligado tanto ao texto filosófico, onde ele expunha com clareza as suas ideias, quanto ao texto literário, onde ele inventava histórias e forjava sua estética. Frequentemente, ele misturava ambos os talentos, aplicando-os a cada contexto. É isso que afirma José Rodrigues Paiva (1996, p. 112):

Deste modo, realiza um ideal dos clássicos: o da fusão do pensador e do poeta na mesma individualidade. E assim é fiel, enquanto artista e enquanto pensador, a uma das suas mais fortes convicções, que é a de que está na arte a salvação do homem.

Paiva também identifica a evolução de sua obra, que relaciona o texto filosófico com o literário (1996, p. 113). *O estrangeiro* se conecta com *O mito de Sísifo*, ambos os livros foram escritos em 1942. *A peste* (1947) está relacionada com *O homem revoltado* (1951), e com a polêmica deste último. Camus escreve *A queda* (1956), que deveria ser apenas um conto dentro de *O exílio e o reino* (1957), mas que se tornou extenso e dividido em capítulos. Logo, dentre os romances de Camus, apenas o quarto, *O primeiro homem*, não pôde ser concluído em vida, tendo sido publicado pela sua filha em 1994. *O exílio e o reino* foi seu último livro literário em vida, publicado pouco antes de receber o Prêmio Nobel de Literatura, também no ano de 1957. O livro possui seis contos que tratam da dicotomia entre o exílio, ou seja, a solidão, o silêncio, a incompreensão, e o reino, que é a vida integrada em uma sociedade solidária.

A leitura das narrativas confirmará no leitor a suspeita inicial de que, Exílio e Reino, são, na verdade, categorias simbólicas que identificam a infelicidade ou a felicidade, o silêncio ou a palavra, a solidão ou a solidariedade, o vazio ou a plenitude, a escuridão ou a luz, o encontro ou o desencontro... E destas dicotomias que se faz a literatura camusiana, de que estes contos são admirável síntese (Paiva, 1996, p. 114).

Esta oposição entre o solidário e o solitário é fundamental em sua filosofia: deve-se suportar a indiferença da natureza através de uma sociedade que se une em fraternidade. E esta mesma oposição aparece nos romances *O estrangeiro* e *A peste*.

A solidariedade é, sem dúvida, a solução defendida por Albert Camus para enfrentar a crise humanitária causada pelas atrocidades da Segunda Guerra Mundial. Em *A peste* e *O homem revoltado*, ele procura fazer desse pensamento um valor moral que, na ausência de Deus, uniria os homens e os defenderia dos males da sociedade. No entanto, existindo apenas como uma aliança diante da adversidade, sua concepção de solidariedade mostrou-se instável (Gomes, 2015, p. 1, tradução minha).¹

Resumindo o primeiro conto de *O exílio e o reino*, a protagonista Janine, de “A mulher adúltera”, faz uma viagem pelo deserto com Marcel, seu esposo mercador. Seu casamento é marcado pelo silêncio, sem qualquer ato romântico entre ambos. Numa noite estrelada do deserto, ela sai da hospedaria onde está alojada e vai em direção ao deserto solitário, lá entrando numa espécie de simbiose emocional e orgástica com a natureza. Assim, ela realiza o adultério com o deserto contra seu esposo. Também podemos afirmar que ela encerra o adultério contra ela mesma, ao estar numa relação nulificadora com Marcel. Como evidencia Paiva (1996, p. 115):

A sua traição está em deixar-se entregar, por um instante, à sua sensibilidade, ao sonho, à natureza, e descobrir-se infeliz, no exílio, longe do reino que desejou para si. Tal como Sísifo empurrando a pedra, ela continuará, sem saber até quando, a acompanhar o marido através dos desertos cobertos de nuvens de poeira.

Adiante, no segundo conto, “O renegado ou um espírito confuso”, os temas giram em torno do fanatismo e da colonização, num monólogo angustiado que beira a psicose. O personagem em questão é um jovem missionário encarregado de converter uma tribo ao seu Deus cristão, porém ele é capturado e incentivado a se converter ao deus violento da tribo. Quando da conversão, o missionário começa a adorar aquele novo deus e querer obedecer à tribo. Ao chegar um novo missionário, a tribo induz o primeiro a matar o agente cristão. Após isso, a tribo silencia-o e acontece o seguinte desfecho: “Um punhado de sal enche a boca do escravo tagarela” (Camus, 2021, p. 53).

Este conto é o mais desafiador ao leitor, pois no turbilhão de uma consciência confusa, delirante, nervosa e acelerada, o poético se torna de difícil digestão, além de estar carregado de ironia e crueldade. Porém, ao revisitar seu próprio passado na Europa, o missionário permite ao leitor tentar ligar os pontos sobre quem ele é, e sobre sua relação com o exílio e o reino. O seu reino desejado é o poder através da religião, inicialmente católica. Porém, ao ser capturado, ele percebe que a fé cristã não irá salvá-lo. Então, ao se converter à religião da tribo, o protagonista teria mais chances de ser salvo, e ao matar o seu ex-colega de ofício, ele deixa claro que o mais importante é estar numa posição favorável, e não o conteúdo particular de cada fé. Porém ele ainda não é aceito pela tribo e é massacrado no seu exílio (Paiva, 1996, p. 116).

¹ No original: “La solidarité est indubitablement la solution préconisée par Albert Camus pour faire face à la crise humanitaire engendrée par les atrocités de La Deuxième Guerre mondiale. Dans *La Peste* et *L’Homme révolté*, il cherche à faire de cette pensée une valeur morale qui, en l’absence de Dieu, unirait les hommes et les défendrait des maux de la société. Toutefois, n’existant que comme une alliance face à l’adversité, sa conception de solidarité s’avère instable”.

O próximo conto, “Os mudos”, apresenta a ideia de solidariedade numa oficina de tanoaria, cujos operários se unem para reclamar aumento salarial ao patrão Lassalle. Após uma frustrada tentativa de greve, eles fazem uma greve de silêncio sem qualquer organização: vendo que um colega para de falar com o patrão durante o exercício da função, os demais vão aderindo ao seu silêncio. Porém, ao terem conhecimento de que a filha de Lassalle está doente, o silêncio torna-se angustiante aos operários, que sentem as dores do chefe. Por conseguinte, todos da tanoaria, inclusive Lassalle e sua família, sofrem o exílio de não poderem se comunicar e serem solidários uns com os outros. Desta forma, Gomes descreve a solidariedade entre os trabalhadores e a questão sobre apoiar ou não o patrão como uma temática recorrente para Camus.

Entre os trabalhadores, há uma solidariedade e até uma certa fraternidade na miséria – Camus nem sempre distingue entre estas duas noções, falando da necessidade de entendimento fraterno entre colonos e nativos – nomeadamente durante a partilha de uma mísera refeição e café, gestos de comunhão laica a que associam Saïd, o único árabe que trabalha na tanoaria² (GOMES, 2015, p. 6, tradução minha).

Avançando para o conto “O hóspede”, Camus trata do assunto da guerra colonial na Argélia, que põe o protagonista, o professor Daru, num dilema entre ser solitário e solidário. Em um dia frio de inverno, um policial da aldeia aparece escoltando um árabe preso por matar um primo por questões familiares. O policial dá a Daru a tarefa de levar no dia seguinte o árabe até a prisão que fica do outro lado da montanha. E logo o dilema aparece na mente e no coração do professor: cumprir a tarefa incômoda ou deixar o árabe fugir. Daru, inclusive, deixa sua casa destrancada à noite para criar uma chance ao seu hóspede para fugir, que não o faz, por sempre parecer indiferente ao seu próprio destino. Até que no dia seguinte, no meio do caminho, Daru apresenta ao árabe duas alternativas: se esconder numa cidade e viver livre, ou ir para a prisão sozinho. Ao se afastar, o professor percebeu que seu indesejado hóspede escolheu a segunda opção. Assim sendo, a solidariedade mútua entre Daru e o árabe vai ao encontro da análise de Paiva (1996, p. 118), que escreve: “por sua vez, o árabe, reconhecendo o humanitarismo de Daru e vendo-se obrigado a ser com ele solidário, escolheu o caminho da prisão”. Quando o protagonista retorna à sua escola, estando sozinho, ele entra no seu exílio novamente, pois percebe mensagens pichadas nas paredes: “Você entregou nosso irmão. Vai pagar por isso” (Camus, 2021, p. 92).

Chegando ao penúltimo conto, “Jonas ou o artista trabalhando”, Camus dá ao personagem-título um outro dilema: o de conseguir trabalhar com o que ama, a pintura, ou o de manter a vida social de um artista famoso com o seu entourage. Resumindo o conto, Jonas não consegue pintar porque seus amigos querem visitá-lo para admirar as suas pinturas e vê-lo trabalhando, porém, ele não alcança a inspiração dessa forma. Logo, ele

² No original: “Entre les ouvriers, il existe une solidarité et même une certaine fraternité dans la misère – Camus ne distingue pas toujours ces deux notions, parlant de la nécessité d’entente fraternelle entre colons et autochtones –, nommément lors du partage d’un maigre repas et de café, gestes de communion laïque à laquelle ils associent Saïd, le seul Arabe qui travaille dans la tonnellerie”.

busca o isolamento, improvisando um ateliê no alto de seu corredor, para mantê-lo inacessível aos outros. O que está em jogo é a questão da paixão pelo ofício e a fama.

Segundo José Rodrigues de Paiva (1996, p. 119-120), o conto tem um tom de ironia bem-humorado, e este bom-humor faz parte de Jonas, que sempre trata tudo sorrindo enquanto resolve seus problemas sem qualquer sentimento de revolta, mesmo que sinta angústia e amargura. Esta temática da relação entre o artista e a sociedade, de que fala o conto de Camus, é também recorrente entre Charles Baudelaire, Herman Hesse e Thomas Mann, aproximação que também foi o assunto da conferência de Camus na Suécia em 1957, ano em que recebeu o Prêmio Nobel de Literatura.

4. O engenheiro e o filósofo

Último conto de *O exílio e o reino*, “A pedra que cresce” é o foco deste artigo. O conto está integrado aos outros cinco, não só pelo tema da dicotomia entre solitário/solidário, quanto por outros temas como relações sociais e religiosidade. Entretanto, diferentemente dos seus vizinhos na coletânea, o último conto termina com a integração do personagem ao novo reino, enquanto os outros protagonistas não conseguiram sair do seu exílio emocional. O engenheiro francês d’Arrast, protagonista do conto, busca se integrar ao povo humilde de Iguape, no litoral paulista, passando a conhecer cada vez mais sobre o seu modo de vida e sobre sua cultura, que sincretiza tanto o catolicismo como o candomblé. Conforme a reflexão de Bosi, todas essas diferenças fazem o engenheiro lidar com o choque cultural, o que torna bela a relação fraterna a ser estabelecida:

E o encanto da sua escrita vem do sentimento de estranheza, que o europeu sente diante de uma paisagem tão diferente da sua, misturado com a alegria de descobrir uma humanidade forte na sua pobreza, viril e fraterna (Bosi, 1998, p. 49).

Tal encantamento de Albert Camus pelos brasileiros mereceu lugar na última obra literária publicada três anos antes de seu falecimento. Ao comparar “A pedra que cresce” com o *Diário de viagem*, de publicação póstuma, fica evidente como a experiência do autor, acompanhado por Oswald de Andrade, foi transposta para a ficção. O filósofo projeta seu alter ego no engenheiro que veio construir um dique para salvar a população pobre do infortúnio das enchentes, criando nesse processo uma conexão com a gente brasileira. Muitas situações descritas por Camus nesta obra vieram de experiências que ele mesmo vivenciou, por exemplo, a percepção da balsa que leva o carro dos viajantes de uma margem para a outra do rio:

Saímos [da floresta], finalmente, para o ar livre e chegamos a uma cidadezinha, onde um grande rio nos obriga a parar. Sinais luminosos na outra margem, e vemos chegar uma grande barcaça, do mais antigo sistema possível, movida por meio de um cabo estendido entre as duas margens do rio e conduzida por mulatos de chapéu de palha. Embarcamos, e a barcaça deriva lentamente sobre o rio Ribeira (Camus, 2017, p. 102-103).

No conto, a travessia é descrita em três páginas de forma bem detalhada e dramática, evidenciando a escuridão da noite, a fraca iluminação artificial e o trabalho dos homens negros para transporem o automóvel para o outro lado do rio:

Quando a embarcação se aproximou ainda mais, o homem distinguiu atrás do alpendre dois negros grandes, com chapéus de palha igualmente grandes e vestidos apenas com uma calça de algodão tingido. Lado a lado, colocavam todo o peso de seus músculos sobre as varas que penetravam lentamente no rio, em direção à parte de trás da jangada, enquanto os negros, com o mesmo movimento lento, inclinavam-se acima das águas até o limite do equilíbrio [...] (Camus, 2021, p. 137).

Mais adiante, há a cena em que d'Arrast chega ao município de Registro, também no estado de São Paulo, onde ele encontra imigrantes japoneses. O autor também relata este fato em seu diário no dia 5 de agosto. Já na história, Camus recria com um humor irônico que dá leveza à descrição detalhada:

[...] continuamos a nos arrastar em direção a Registro, verdadeira capital japonesa no meio do Brasil, onde tive tempo de ver casas de decoração frágil e até mesmo um quimono. Anunciam então que Iguape não fica a mais de sessenta quilômetros (Camus, 2017, p. 103).

Teve um sobressalto. O carro parara. Estavam agora no Japão: de cada lado da estrada, casas de aparência frágil e, nas casas, quimonos furtivos. O motorista estava falando com um japonês de macacão sujo, com um chapéu de palha brasileiro. Então o veículo tornou a partir.

- Ele disse só quarenta quilômetros.
- Onde estávamos? Em Tóquio?
- Não, Registro. Em nosso país, todos os japoneses vêm para cá.
- Por quê?
- Não se sabe. São amarelos, sabe, Sr. d'Arrast (Camus, 2021, p. 141).

Outro ponto onde o ficcional nutre-se do real está na instalação improvisada que o prefeito de Iguape consegue reservar aos viajantes: uma ala desativada de um hospital, pois todos os quartos do hotel estão ocupados:

Tudo está fechado no hotel. Uma autoridade encontrada na noite nos leva à casa do maire (o prefeito, como o chamam aqui). O prefeito nos avisa, pela porta, que vamos dormir no hospital [...] No hospital 'Boa Memória' (esse é o nome), somos conduzidos pela amável autoridade em direção a um pavilhão desativado que cheira a pintura fresca, a uns cem passos. Dizem-me que, na verdade, foi repintado em nossa homenagem. Mas, não há luz, já que a usina da região para as onze horas. Ao brilho dos isqueiros, enxergamos, contudo, seis camas limpas e rústicas. É o nosso dormitório (Camus, 2017, p. 103-104).

De manhã bem cedo, d'Arrast, sentado na cama, olhava com espanto para a sala onde acabava de acordar. As paredes grandes tinham sido recentemente caiadas de marrom até a metade. Mais acima, haviam sido pintadas de branco numa época longínqua e crostas amareladas recobriam-nas até o teto. Havia duas fileiras de seis camas, uma diante da outra.

D'Arrast via apenas uma cama desfeita na extremidade de sua fileira, e estava vazia. Mas ouviu ruídos à esquerda e virou-se em direção à porta, onde estava Sócrates, segurando uma garrafa de água mineral em cada mão e rindo.

– Lembrança feliz – dizia.

D'Arrast se sacudiu. Sim, o hospital onde o prefeito os alojara na véspera chamava-se 'Lembrança Feliz' [...] (Camus, 2021, p. 141-142).

Segundo o registro do dia 5 de agosto no *Diário de viagem*, após saírem do hospital Boa Memória, Camus e seus colegas de viagem, incluindo Oswald de Andrade, foram convidados pelo prefeito de Iguape a um jantar num clube. No decorrer do jantar, um policial aparece embriagado e reclama que o passaporte de Albert não está em ordem, mesmo com as evidências de que está. O prefeito cochicha com outras autoridades, e então diz ao escritor que o policial merece uma punição a ser dada pelo próprio Camus, pois um incidente desses não pode ficar sem resposta. Camus insiste em deixar o policial em paz, com um pedido pessoal para o prefeito, que então cede (Camus, 2017, p. 104-105). D'Arrast passa pela mesma situação e tem a mesma resolução, porém, no lugar de um policial, é um chefe de polícia, igualmente bêbado e inconveniente (Camus, 2021, 145-156).

No *Diário de viagem*, na sequência da procissão, um marinheiro relata a Albert Camus os motivos da promessa religiosa que fizera, e acaba por inspirar um personagem muito importante no conto: um cozinheiro de navio com quem o engenheiro irá criar um vínculo de amizade:

Um deles [dos romeiros], que tem um ar de assírio, ornado de uma bela barba negra, conta-nos que foi salvo de um naufrágio pelo Bom Jesus, após uma noite e um dia passados nas ondas furiosas, e que fez a promessa de carregar na cabeça uma pedra de sessenta quilos durante a procissão (Camus, 2017, p. 106).

– Eu estava no mar, na costa de Iguape, num pequeno petroleiro que faz cabotagem para abastecer os portos da costa. Houve fogo a bordo. Não foi culpa minha, eu conheço o meu trabalho! Não, que azar! Conseguimos colocar os botes na água. À noite, o mar subiu, o bote virou, eu afundei. Quando subi, bati com a cabeça no bote. Fiquei perdido. A noite estava escura, o mar é grande, e, além disso, eu nado mal, estava com medo. De repente, vi uma luz ao longe, reconheci a cúpula da igreja do Bom Jesus de Iguape. Então, disse ao Bom Jesus que carregaria na procissão uma pedra de cinquenta quilos na cabeça se ele me salvasse. Você não acredita, mas as águas se acalmaram e meu coração também. Nadei calmamente, estava feliz, e cheguei à costa. Amanhã, vou cumprir minha promessa (Camus, 2021, p. 152-153).

Ao longo do resto da história, este cozinheiro leva d'Arrast para o terreiro de macumba e para a procissão da Festa do Bom Jesus, mesmo percebendo que o novo amigo não tem fé:

– E você, nunca pediu, nunca fez uma promessa?

– Sim, uma vez, acho.

- Num naufrágio?
 - Algo assim, se quiser.
- E d'Arrast retirou a mão bruscamente. Mas, no momento de se virar, reencontrou o olhar do cozinheiro. Hesitou, depois sorriu.
- Posso contar-lhe, se bem que não tenha importância. Alguém ia morrer por minha culpa. Acho que pedi.
 - Prometeu?
 - Não, antes tivesse prometido (Camus, 2021, p. 155).

O cozinheiro então faz o convite ao protagonista: “Você é um capitão – disse. – Minha casa é sua. E depois vai me ajudar a cumprir a minha promessa, como se você mesmo tivesse feito. Isso vai ajudá-lo também” (Camus, 2021, p. 155). O outro tenta negar os benefícios, porém o brasileiro chama-o de orgulhoso, que por sua vez discorda e afirma ser uma pessoa só, ou seja, não ter um deus para cuidar dele.

Ao final do conto, estando junto do prefeito e de seu entourage, d'Arrast observa que, lá longe, o humilde amigo não consegue carregar direito a pedra retirada da gruta santa, pois ele está cansado devido às danças nos rituais da noite anterior. Então, d'Arrast começa a ajudar o amigo. De grande constituição, o francês passa a carregar a pesada pedra, porém ao invés de seguir para a igreja, como todos os outros faziam, ele a levou para o barraco do cozinheiro. Quando os moradores do barraco chegaram, viram a pedra no local onde fica a fogueira. Ao verem d'Arrast exausto, sentado no chão com os olhos fechados, todos ali passaram a se sentar em volta da pedra também. Neste ato de união, o engenheiro sente a felicidade tomar o seu coração, terminando, deste jeito, o livro *O exílio e o reino*:

D'Arrast, de pé na escuridão, sem nada ver, e o ruído das águias o enchia de uma felicidade tumultuada. De olhos fechados, saudava alegremente sua própria força, saudava, uma vez mais, a vida que recomeçava. No mesmo instante, houve uma explosão [dos fogos de artifício] que parecia muito próxima. O irmão afastou-se um pouco do cozinheiro e virando-se para d'Arrast, sem olhar para ele, mostrou-lhe o lugar vazio:

- Sente-se conosco” (Camus, 2021, p. 174).

5. Considerações finais

Ao analisar *Diário de viagem* e *O exílio e o reino*, é possível perceber como Albert Camus utiliza seus registros e sua memória para compor o último conto do seu último livro de ficção. Mais do que uma simples maneira de contar a sua própria experiência e de mostrar aos franceses a sua perspectiva sobre o Brasil, Albert Camus também nos mostra seu desejo de ter aproveitado melhor a viagem e ter se integrado mais ao nosso povo durante as suas andanças. Pois, é no protagonista d'Arrast que o escritor imagina como tudo seria se pudesse ter interagido mais com os pobres do país. É para d'Arrast que Camus reserva a única graça duradoura, em contraponto aos exílios tristes a que estão confinados os demais protagonistas do livro.

Mesmo fazendo uma viagem aos Estados Unidos em 1946, é ao Brasil que ele dedica espaço em sua literatura, representando o Novo Mundo. Algo encantador o país apresentou

a Camus, para que oito anos depois, ele lembrasse de tais experiências e pensasse com carinho sobre o povo brasileiro. Embora ele falasse que o Brasil tende a ser dominado pela natureza, este mesmo pensamento é visto ao longo de sua obra sobre a Argélia, lugar de onde ele veio, de um bairro pobre. As ruínas romanas de Tipasa são invadidas pela natureza, que reivindica seu território no passado. Assim, as florestas brasileiras tendem a querer de volta sua terra, neutralizando os efeitos da história: “A diferença é que essas cidades ‘selvagens’ ou ‘indomáveis’, no dizer de Lévi-Strauss, não eram nada estranhas a Camus, que crescera nos subúrbios de Argel” (Pinto, 2022, p. 10).

Enfim, entre a natureza e as pequenas situações da vida humilde, d’Arrast conheceu a felicidade que Camus queria ter experimentado melhor no Brasil. E para ter tantas experiências interessantes, o próprio escritor de *O estrangeiro*, Albert Camus, teve seus momentos de alegria entre nossa gente.

Referências

- BOSI, Alfredo. Camus na Festa do Bom Jesus. *Tempo Social*, São Paulo, v. 10, n. 1, p. (49-63), maio, 1998. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/86699>. Acesso em: 27 nov. 2024.
- CAMUS, Albert. *Diário de viagem*. Tradução: Valerie Rumjanek. 9. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2017. 126p.
- CAMUS, Albert. *O exílio e o reino*. Tradução: Valerie Rumjanek. 11. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2021. 174p.
- CAMUS, Albert; GERMAIN, Louis. *Caro professor Germain: cartas e escritos*. Tradução: Ivone Benedetti. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2024. 94p.
- PINTO, Manuel da Costa. O Brasil Mediterrâneo de Camus. In: *Camus, o viajante*. Organização: Manuel da Costa Pinto. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2022. 190p.
- GESKE, Samara Fernanda A. O. de Lócio e Silva. Dos desencontros ao encontro: a viagem de Albert Camus ao Brasil em 1949. *Criação e Crítica*, n. 28, p. (20-49), dezembro, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/172796>. Acesso em: 27 nov. 2024.
- GOMES, Fernando. “Solitaire ou solidaire” dans L’Exil et le Royaume d’Albert Camus. *Carnets*. Deuxième série – 4, 2015. Disponível em: <https://journals.openedition.org/carnets/1559>. Acesso em: 27 nov. 2024.
- PAIVA, José Rodrigues. O Exílio e o Reino: o filosófico e o literário no contista Albert Camus. *Ciência & Trópico*. Recife, v. 24, n. 1, p. (111-123), jan./jun., 1996. Disponível em: <https://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/article/view/616>. Acesso em: 27 nov. 2024.



Repositórios e Ciência Aberta, direitos autorais das pessoas autoras, 2025, licenciado sob [Creative Commons Attribution 4.0 International License \(CC BY 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).